

EDITORIAL

1485
INQUÉRITO NACIONAL SBA/CLASA

Neste número são apresentados os resultados do Inquérito Nacional, referente as respostas ao questionário sócio-econômico e de saúde que foi enviado pela SBA aos seus membros ativos. Os quesitos foram elaborados pela Comissão de Risco Profissional da CLASA, com a coordenação do Dr. Almiro dos Reis Junior.

AP 1964
Esta foi a segunda tentativa mundial que se fez no sentido de obter algumas informações quanto ao problema da exposição crônica por meio de um Inquérito Nacional, pelos Correios. A primeira, foi em 1974 (1), por uma Comissão da ASA, com um questionário específico sobre a economia de doença profissional em três categorias profissionais: médicos, enfermeiras e técnicos de anestesia. O relatório desta Comissão, sofreu em 1975 (6) críticas quanto ao método de coleta de dados, tratamento estatístico e conclusões apresentadas; e esta por certo também sofrerá.

O assunto Risco Profissional e Exposição Crônica, mereceu a atenção da Revista Brasileira de Anestesiologia em 1972, através de Editorial (2), sendo complementado a seguir por um de seus números sobre "Risco Profissional" (3), iniciativa que acreditamos primeiro na América Latina.

O Inquérito Nacional SBA/CLASA, embora modesto quanto ao tratamento estatístico, limitando-se a apresentar os dados numéricos a porcentuais, é completo, por englobar também o aspecto sócio econômico, que aliás já foi motivo de pesquisa semelhante por parte da SBA (5).

Compreende-se perfeitamente que uma pesquisa desta natureza, de âmbito nacional e através do sistema postal, dificilmente conseguiria uma unanimidade de respostas, sem uma ampla campanha prévia de motivação. Com efeito, apenas 402 questionários de um total de 2430 enviados foram respondidos, não alcançando mesmo 50 % dos membros de cada regional; este fato, é explicado na introdução do relatório, não sendo feito comentários a respeito com relação as informações obtidas.

Evidentemente, que não cabe num editorial de apresentação, que julgamos um direito e obrigação da Revista em assunto de tal relevância, uma análise detalhada dos resultados; isto provavelmente deverá ser obtido, se não da própria comissão, pelo menos de colegas interessados e que disponham de recursos estatísticos, sob pena de malograr-se um enquête séria, trabalhosa e importante.

Alguns pontos, entretanto, merecem, podem e devem ser comentados, acentuando-se não se tratar de uma crítica, mas sim como agente desencadeante para motivar mais o assunto e estimular novas pesquisas.

A amostragem, embora pequena, é entretanto razoável, por ser nacional, e as respostas, segundo expressão do próprio relatório, embora incompletas, traçam um esboço da situação dos anestesistas brasileiros, não destoando portanto do panorama da realidade que se

constata pela observação dos Congressos Brasileiros, Jornadas, Rodadas e Reuniões da CAECO, pelo menos no seu aspecto sócio econômico e cultural.

Quanto ao número baixo de questionários respondidos, dificilmente em um inquérito de natureza postal, a unanimidade seria conseguida, e alguns fatores podem ser responsáveis por isto, em qualquer tipo de pesquisa, tais como:

- 1 — Falta de campanha prévia de propaganda com vistas a motivação das respostas.
- 2 — Interpretação errônea das finalidades do inquérito.
- 3 — Desconhecimento ou desinteresse pelo assunto.
- 4 — Dificuldade em responder as perguntas.
- 5 — Extensão do questionário.
- 6 — Dificuldades postais.

Quanto as condições culturais, o inquérito mostra, e isto é alentador a maioria das respostas enviadas foram por anestesistas situados na faixa de até 15 anos de formados, pressupondo um grupo etário-profissional jovem, de colegas interessados nas diversas regiões do país e relativamente bem informados do ponto de vista cultural.

Um outro aspecto bastante sugestivo, que pode ser verificado por uma análise superficial do inquérito, é o item referente aos principais fatores desencadeantes das manifestações clínicas relacionadas com o trabalho do anestesista. Neste item são citados 20 manifestações clínicas relacionadas com o trabalho do anestesista, das quais, 15 estão associadas em uma freqüência bastante alta para a amostragem, como o "stress emocional" e a "falta de repouso", coincidentemente ou conseqüentemente as perturbações psíquicas e a úlcera gastro-duodenal mostram uma freqüência mais alta nas respostas as patologias clínicas apresentadas por anestesistas, e apenas a metade dos que responderam ao inquérito, julgaram boa as suas condições de lazer.

Finalmente, vale a pena enfatizar a validade do inquérito, não tanto pelas conclusões que dele possam advir, mas sim no sentido de despertar e motivar os anestesistas brasileiros para uma maior racionalização do seu trabalho e adoção de medidas profiláticas (4) que em nosso entender, deve se constituir um corpo doutrinário, à ser recomendado pela SBA e ensinado nos C.E.T.

REFERÊNCIAS

1. American Society of Anesthesiologists, Ad Hoc Committee. Occupational disease among operating room personnel. A national study. *Anesthesiology* 41:321, 1974.
2. Maia, José Calasans — Editorial — Doença Profissional e Anestesia. *Rev Bras Anest* 22: 1972.
3. Risco Profissional dos Anestesiologistas. Simpósio, coordenado pelo Dr. Almiro dos Reis Jr. *Rev Bras Anest* 26: 1976.
4. Walts I F, Forsythe A B, Moore J G — Critique: Occupational disease among operating room personnel. *Anesthesiology* 42:608, 1975.
5. Spiegel P, Gonçalves B — Estudo Sócio Econômico dos Anestesistas Brasileiros. *Rev Bras Anest* 15:277, 1965.
6. Maia J C, Gonçalves B — Exposição crônica aos anestésicos inalatórios. Possíveis efeitos tóxicos. *Rev Bras Anest* 26:148, 1976.

DR. JOSÉ CALASANS MAIA, E.A.
Editor da R.B.A.